As relações do Brasil com a Colômbia (1995-2010)

aproximações e divergências

Fábio Borges

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BORGES, F. As relações do Brasil com a Colômbia (1995-2010): aproximações e divergências. In OLIVEIRA, RP., NOGUEIRA, SG., and MELO, FR., orgs. *América Andina: integração regional, segurança e outros olhares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 275-299. ISBN 978-85-7879-185-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

As relações do Brasil com a Colômbia (1995-2010): aproximações e divergências

Fábio Borges

Resumo

Nesse artigo, analisaremos as relações do Brasil com a Colômbia nos mandatos dos presidentes brasileiros Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Lula da Silva (2003-2010). Historicamente Brasil e Colômbia mantiveram um padrão de relações distantes, tanto por fatores geográficos (dificuldade de integração da infraestrutura entre os dois países que são separados pela Amazônia) quanto políticos (a desconfiança dos mandatários colombianos sobre um possível sub-imperialismo brasileiro). Por outro lado, o período dessa pesquisa mostrará que tanto do ponto de vista comercial quanto dos investimentos houve uma intensa aproximação entre esses dois países amazônicos, porém com um forte desequilíbrio favorável ao Brasil. Assim como dissemos que a Amazônia separa Brasil e Colômbia, ela também os une, mas especialmente

por seus problemas compartilhados, como tráfico de drogas e degradação do meio ambiente. Nesse sentido, há uma aproximação entre os dois países a partir da constatação mútua da necessidade de cooperação em ambos os temas para políticas eficientes, embora verifiquemos que os diagnósticos e as soluções apontadas são divergentes, especialmente devido à grande influência dos EUA na Colômbia.

Abstract

In this article we will analyze the relations between Brazil and Colombia in the governments of Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) and Lula da Silva (2003-2010). Historically Brazil and Colombia maintained a pattern of distant relations, both by geographical factors (difficulty infrastructure integration between the two countries that are separated by Amazon forest) and political (distrust of the Colombian representatives about a possible Brazilian sub-imperialism). Despite this, the period of this study shows that both commercial and investment were an intense closeness between these two Amazonian countries, but with a strong imbalance in favor of Brazil. As we said that the Amazon separates Brazil and Colombia, it also unites them, but especially by their shared problems such as drug trafficking and environmental degradation. In this sense, there is a rapprochement between the two countries, which realize the need for cooperation on both issues for effective policies, but find that the diagnosis and solutions suggested are different, especially given the large U.S. influence in Colombia.

Introdução

Desde os anos 1980, a Colômbia ganhou destaque internacional em virtude de seus problemas de violência ligados à cocaína, guerrilhas e paramilitares. Especialmente em 1998, esse cenário ganhou evidência com a elaboração do chamado “Plano Colômbia”, projeto de combate às drogas no país em grande parte financiado pelo governo dos EUA. Esse problema colocou toda a região amazônica (compartilhada por oito países e de uma colônia¹) em atenção, tanto por fatores humanitários quanto geopolíticos.

A maioria dos países, incluindo o Brasil que possui uma grande fronteira com a Colômbia, temia o transbordamento (*spillover* em inglês) dos conflitos colombianos para seus territórios. As ameaças eram muitas. Entre as mais preocupantes, a migração de laboratórios de produção de cocaína para os territórios vizinhos, os impactos ambientais em virtude da utilização das fumigações às plantações de coca, que contaminariam os rios e outras culturas, e a fuga de guerrilheiros colombianos, em suas lutas com os exércitos regulares ou paramilitares, para os países limítrofes.

Do ponto de vista brasileiro, a presença do EUA na Amazônia e o agravamento dos conflitos colombianos representavam uma grande preocupação para a Segurança Nacional do Brasil. Nessa questão, a atitude brasileira era ambígua, pois ao mesmo tempo em que defendia o tradicional princípio de não intervenção em assuntos estrangeiros, almejava uma liderança na integração regional.

---

1 Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela e da colônia - Guiana Francesa.

A saída que o Brasil encontrou para tentar exercer uma espécie de “hegemonia consensual” foi intensificar a integração em termos de comércio e infraestrutura e aparentemente despolitizar as suas relações com os vizinhos (BURGES, 2005; 2009). Neste artigo, buscaremos identificar aproximações e divergências entre o Brasil e a Colômbia entre 1995 e 2010, tratando dos temas econômicos, políticos, militares e ambientais dessas relações bilaterais.

As relações econômicas do Brasil com a Colômbia (1995-2010)

As relações comerciais do Brasil com a Colômbia apresentaram um crescimento expressivo recentemente, passando as exportações de um valor de 456 milhões de dólares em 1995, para um ápice de 2 bilhões e 325 milhões de dólares em 2007 aproximadamente. As importações passaram de um valor de 112 milhões de dólares aproximadamente em 1995 para 959 milhões de dólares mais ou menos em 2010, dando grande vantagem comercial para o Brasil atualmente, como poderemos observar na tabela e gráficos a seguir:

Tabela 1 – Balança Comercial do Brasil em relação à Colômbia
(milhões de dólares – 1995-2010)

Ano	Exportações	Importações	Balança comercial
1995	456,231	111,770	344,461
1996	430,228	118,002	312,226
1997	506,602	133,935	372,667
1998	465,984	114,952	351,032
1999	402,256	198,547	203,709
2000	514,476	440,240	74,236

2001	605,714	204,732	400,982
2002	635,514	116,048	519,466
2003	747,296	105,861	641,435
2004	1 037,133	156,356	880,777
2005	1 404,565	151,306	1 253,259
2006	2 127,679	266,726	1 860,953
2007	2 324,663	457,628	1 867,035
2008	2 293,404	907,759	1 385,645
2009	1 798,919	615,958	1 182,961
2010*	1 948,404	959,860	988,544

Fonte: Elaboração própria baseada em:
<http://nt5000.aladi.org/siicomercioport/>.
 Acesso em março de 2011.

* Não contempla o mês de dezembro.

**Gráfico 1 – Balança Comercial do Brasil em relação à Colômbia
 (milhares de dólares – 1995-2010)**

Fonte: Elaboração própria baseada em:
<http://nt5000.aladi.org/siicomercioport/>.
 Acesso em março de 2011.

Gráfico 2– Corrente de Comércio (Exportações somadas às Importações) do Brasil em relação à Colômbia (milhares de dólares – 1995-2010)

Fonte: Elaboração própria baseada em:
<http://nt5000.aladi.org/siicomercioport/>.
 Acesso em março de 2011.

Do ponto de vista da Corrente de Comércio entre os dois países, podemos observar claramente no último gráfico uma tendência de forte intensificação, especialmente depois de 2003, ou seja, do início do governo de Lula. A pesquisadora colombiana, Socorro Ramírez, explica que o Brasil e a Colômbia vêm buscando incentivar empresas que adiantem ações no setor siderúrgico, propiciando a complementaridade dos potenciais colombianos e brasileiros para a produção e exportação de aço, aproveitando o carvão energético da Colômbia e o ferro do Brasil. Por isso, vem realizando macro rodadas de negócios para aproximar investidores e exportadores. Diz:

Os resultados destes esforços em comércio e investimento são interessantes para ambos os países. Para a Colômbia, com a entrada em vigência do acordo CAN-Mercosul, suas exportações aumentaram 50% ao Brasil (...) Para o Brasil aumentaram

não somente as exportações senão também os investimentos na Colômbia. Primeiro se realizou a compra da Avianca e logo o grupo Gerdau adquiriu uma porcentagem de ações entre 53 e 60% das empresas Diaco e Siderúrgica do Pacífico (*Sidelpa*) e fará parte da *Sidemuña y Laminados Andinos* (LASA), ambas unidades da Diaco. Graças a essa aliança, Diaco e suas subsidiárias terão acesso à assistência técnica, tecnologia de ponta, assessoria na distribuição e práticas corporativas do grupo Gerdau. Em 2004, os investimentos brasileiros chegaram a 7,5 milhões de dólares em setores como construção, transporte, metal-mecânica, manufatura e comércio (...) (RAMÍREZ, 2007, p.162-163)².

Apesar desses dados de comércio e investimento serem realmente significativos, o tema que mais chama a atenção nas relações entre Brasil e Colômbia é um certo padrão de distanciamento, apesar que esse cenário vem mudando ao longo dos últimos tempos, em virtude dos problemas compartilhados na fronteira amazônica em relação aos conflitos envolvendo o tráfico de drogas, guerrilhas e meio ambiente³.

---

2 Todas as traduções de outros idiomas são de exclusiva responsabilidade do autor.

3 Sobre essa temática é importante mencionar que a minha dissertação de mestrado trabalhou esse assunto em profundidade. Ver: BORGES, Fábio. *Amazônia e economia da droga: conflitos colombianos e interesses brasileiros (1985-2005)*, Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - "San Tiago Dantas" - UNESP-UNICAMP-PUC-SP, sob orientação do Prof. Adjunto Enrique Amayo Zevallos, 2006. Algumas das fontes serão usadas novamente nesse artigo na análise sobre os impactos do combate à produção de coca e cocaína no meio ambiente.

Relações distantes do Brasil com a Colômbia: sub-imperialismo brasileiro?

Tanto do ponto de vista geográfico (falta de infraestrutura de integração) quanto geopolítico, as relações entre Brasil e Colômbia apresentam um padrão de certo distanciamento. Por exemplo, é bem interessante a colocação feita por Socorro Ramírez quando diz:

(...) em tempos recentes, distintos meios colombianos manifestam certo temor ante o Brasil. Alguns militares expressaram a idéia do “sub-imperialismo” brasileiro, a derivando da magnitude geográfica e populacional do país vizinho, de seu poder militar, do pensamento geopolítico elaborado por seus colegas brasileiros para os territórios fronteiriços, e em particular para a Amazônia, assim como a pretensão brasileira nos anos sessenta e setenta de exercer uma liderança regional, quando, além disso, mantinha uma estreita relação com os Estados Unidos. Em sentido similar, alguns diplomatas colombianos têm pedido cautela no apoio da pretensão do Brasil de liderança regional porque possuem a imagem de que a nação vizinha somente toma em consideração seus próprios interesses e joga segundo sua conveniência como outsider ou como “irmão maior” (...) (RAMÍREZ, 2007, p. 144, minhas ênfases).

No entanto, a mesma autora nos explica que esses padrões de poucas relações entre esses dois países começaram a mudar em anos recentes. E complementa:

A primeira razão se refere ao conflito colombiano. Ante o agravamento do conflito, até o final dos anos noventa, Brasília se limitou a fazer declarações genéricas a favor da paz de acordo com sua tradição diplomática de defesa da soberania das nações e da não intervenção em assuntos internos. Fernando Henrique Cardoso outorgou um apoio discreto nas atuações do governo de Andrés Pastrana (1998-2002) na abertura e término dos diálogos com as guerrilhas (RAMÍREZ, 2007, p.148-149).

Mas aponta que houve discrepâncias sobre as opções governamentais colombianas e sobre a participação do Brasil nos mecanismos do governo Pastrana:

O fato do governo colombiano não ter incluído ao Brasil na comissão internacional de nove membros – Venezuela, México e Cuba, junto a Canadá e seis europeus – que ocorreu entre março de 2001 e fevereiro de 2002 e que coordenava a 26 países amigos dos diálogos com as FARC, dentro dos quais estava Brasil, foi assumido pelo Itamaraty como expressão de uma escassa valorização de sua atuação diplomática. Por sua vez, San Carlos (Ministério de Relações Exteriores

da Colômbia) considerou inexplicável a ausência do Brasil na mesa dos doadores organizada para buscar apoios ao processo de paz então iniciado. No entanto, tão logo foi eleito Álvaro Uribe (2002-2006) Cardoso colocou a sua disposição a experiência do Brasil na busca de soluções pacíficas como o havia feito no conflito entre Peru e Equador (RAMÍREZ, 2007, p.148-149, *minha ênfase*)⁴.

Sobre as relações entre Uribe e Lula, a pesquisadora colombiana explica que vários fatores contribuíram para gerar temores e distâncias iniciais. Completa:

As ofertas de Lula em sua campanha para mediar as negociações do governo com as FARC, geraram uma recusa dos setores governamentais e de opinião colombianos (...) Logo em sua posse, Lula se comunicou com vários de seus colegas sul-americanos e lhes propôs realizar uma reunião sobre vários temas, entre eles, os casos do Iraque e da Colômbia, sem haver consultado a administração Uribe, cujo protesto conseguiu que se mudasse a reunião anunciada por outra que ocorreu em Bogotá.

---

4 Fernando Henrique Cardoso considera que o auge de sua diplomacia presidencial foi justamente pôr fim ao contencioso militar entre Equador e o Peru [1998] e que custara, nos 40 anos anteriores, milhares de vidas. Argumenta que foi um trabalho paciente para garantir a paz em que estavam envolvidos o Brasil, o Chile, a Argentina e os EUA, mas que na fase final se desenrolou principalmente no Brasil (CARDOSO, 2006, p. 637, *minha ênfase*).

Por último, a “diplomacia de microfones” praticada por funcionários da Colômbia – o Ministro do Interior e de Justiça – e do Brasil – o assessor de Relações Exteriores de Lula – criaram o temor de que surtisse uma tensão nas relações bilaterais (RAMÍREZ, 2007, p. 149).

Porém, a mesma pesquisadora diz que o governo Lula respeitou as decisões políticas tomadas por Uribe, ainda que estas sejam frequentemente criticadas nos meios estatais e de opinião brasileiros. Na opinião de Ramírez, a segunda razão para o aumento das relações entre a Colômbia e o Brasil foi o interesse de Lula em desenvolver uma política sul-americana de mais alto perfil como parte de uma estratégia de liderança regional do Brasil que já tinha sido iniciada no governo Cardoso. Porém acrescenta:

Essa liderança não é bem aceita em alguns meios colombianos, que, da mesma maneira com os temores do passado, agremiam que a economia brasileira poderia arrasar a colombiana. Mais recentemente, a posição desses setores há cedido a favor da integração física e comercial sul-americana, o que permitiu que o Mercosul e a Comunidade Andina concretizassem acordos entre ambos blocos (RAMÍREZ, 2007, p. 150).

Os conflitos Colômbia e Brasil: a questão da segurança regional

O tema da segurança regional gera muitas desconfianças entre Brasil e Colômbia, mas também perspectivas de cooperação, como podemos observar no trecho a seguir:

Do lado colombiano, certos atores governamentais e militares assim como membros das agências de inteligência e de segurança pública percebem como fonte de insegurança os desacordos brasileiros com as políticas colombianas de “Segurança democrática”, e as relações políticas de certos setores brasileiros com as [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] FARC. Alguns grupos em diversos meios se irritam que setores brasileiros não vejam suas próprias implicações no problema das drogas, senão que assumem como um problema exclusivo da Colômbia, que transferiria drogas, traficantes e guerrilheiros ao lado brasileiro da fronteira (RAMÍREZ, 2007, p. 154).

Continua dizendo que esses atores colombianos acreditam que essas percepções brasileiras pressionam contra qualquer entendimento em matéria de defesa e segurança para fazer frente a problemas comuns e abre caminho para uma perigosa xenofobia anticolombiana. Por outro lado acrescenta:

Outros setores de caráter governamental, acadêmico e de formadores de opinião, mais do que perceber ameaças, observam oportunidades e chamam a atender as

preocupações brasileiras em matéria de segurança para, a partir delas, construir formas de atuação conjunta frente a problemas comuns e mecanismo de boas tarefas para o Brasil. Além disso, insistem que apesar das posições discrepantes entre os atuais governos da Colômbia e Brasil (na época Uribe e Lula), ou justamente por isso, o Brasil pode jogar um papel decisivo nas aproximações para um diálogo com as guerrilhas ou com o governo venezuelano, tendendo a encontrar acordos duradouros (RAMÍREZ, 2007, p. 154).

Aprofundando as razões dos desentendimentos entre Colômbia e Brasil, diz que além das diferenças nas percepções da natureza e forma de tratar o conflito colombiano, os grandes problemas são a desinformação e o desconhecimento mútuo. Completa:

Por um lado, o centro das preocupações que tem muitos colombianos está apenas nas urgências nacionais, um grande localismo e uma informação guiada por pré-conceitos. Por outro lado, para os brasileiros a informação que fornecem os meios de comunicações frequentemente reduzem a situação colombiana à violência, o que não ajuda a entender a evolução do conflito e nem a existência de uma situação nacional com a confrontação. (...) Estas diferenças de perspectivas dificultam a construção de relações mais sólidas e de mecanismos compartilhados em matéria de segurança (RAMÍREZ, 2007, p. 155).

Por exemplo, Ramíres diz que Colômbia e Brasil não têm conseguido concretizar acordos sobre o SIVAM-SIPAM, projeto brasileiro de segurança e proteção ambiental que pretende controlar com aviões, radares e satélites o espaço aéreo amazônico. Na perspectiva colombiana, os custos dos serviços oferecidos pelo Brasil são muito altos e, sob a ótica brasileira, a colaboração não se aprofunda por causa de pressões dos Estados Unidos contrários a essa cooperação (RAMÍREZ, 2007, p. 155).

Por outro lado, o professor da Universidade Nacional da Colômbia, Jaime Caycedo (2005) diz que existem coincidências fundamentais entre todos aqueles que percebem os perigos que derivam de uma situação tão complexa como a que envolve a Colômbia e o conflito interno colombiano, e acrescenta que sua solução é cada vez menos um assunto puramente colombiano e converte-se numa necessidade da América Latina e do Caribe para viver em paz, estabilidade, soberanamente, e progredir na solução de seus problemas sociais e culturais.

Reforçando essa tendência, tivemos em 1º de março de 2008 a crise entre Equador e Colômbia, em virtude do ataque de militares colombianos a membros das FARC em território equatoriano e que matou Raúl Reyes, número dois da guerrilha. Pouco depois e em circunstâncias não totalmente esclarecidas até hoje, morria também o fundador e membro mais importante das FARC, Manuel Marulanda, conhecido como “Tiro certo”.

A debilidade das FARC pareceu clara no resgate da ex-candidata presidencial Ingrid Betancourt e de mais 14 reféns, em 2 de julho de 2008, em uma ação quase cinematográfica. Segundo a versão oficial, os guerrilheiros das FARC César

(codinome de Gerardo Aguliar) e Enrique (codinome de Alexander Farfán) foram enganados pelo exército. Eles teriam colocado os reféns num helicóptero das Forças Armadas porque uma farsa teria feito os rebeldes acreditarem que esse helicóptero pertencia a uma organização humanitária que levaria os cativos até o líder da guerrilha, Alfonso Cano (FARC, 2008, p.A18).

Por outro lado, as FARC acusam os guerrilheiros de traição e jornais suíços divulgaram que os dois guerrilheiros teriam recebido US\$ 20 milhões pelos reféns, mas Bogotá negou a versão. O presidente Uribe saiu muito fortalecido dessa operação chamada “Operação Xeque”, ganhando popularidade interna e afastando a possibilidade do presidente venezuelano Hugo Chávez de apoiar as FARC. Também conseguiu apoio internacional para que a guerrilha solte os reféns, inclusive o presidente Lula em um encontro com Ingrid Betancourt, em 5 de dezembro de 2008, apelou às FARC colocar fim à luta armada (LULA, 2008).

Mais recentemente, deram-se outras libertações, entre elas a do ex-deputado Sigifredo López que estava em cativeiro havia quase 7 anos, no dia 5 de fevereiro de 2009. Foi resultado de uma missão humanitária organizada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) com o apoio logístico do Exército brasileiro. López, o último civil do grupo de reféns políticos das FARC, foi sequestrado, em 2002, com outros 11 deputados na Assembleia Legislativa de Valle del Cauca, no sudoeste da Colômbia (REFÉM, 2009).

Desde meu trabalho já citado de 2006, defendo essa aproximação entre Brasil e Colômbia, por entender que os problemas ligados às drogas, guerrilhas e meio ambiente não podem ser encarados apenas como um problema nacional

colombiano, pois afeta a Amazônia em seu conjunto. Dessa maneira, é muito positivo o Brasil estar ajudando nos resgates dos reféns das FARC (BORGES, 2006).

Questões amazônicas e ambientais: problemas e oportunidades nas relações entre Brasil e Colômbia

Na Colômbia, uma grande preocupação é o impacto ambiental da política de fumigações nas áreas de produção de folha de coca. Por exemplo, a pesquisadora Constanza Ramírez (1998, p. 21-22) aponta que as fumigações dos cultivos ilícitos têm sido, até o momento, desastrosas em termos de perda de biodiversidade, isso porque: (1) tem deslocado os cultivos para dentro da selva e conduzido os cultivadores a realizar plantações em terrenos de bosques, costa de páramos ou selvas para recuperar o dinheiro investido no cultivo perdido e; (2) na medida em que momentaneamente se diminui a oferta, a fumigação tem contribuído para manter altos os preços dos cultivos, estimulando os cultivadores a conservar a produção com segurança de retorno dos seus investimentos.

Essa autora aponta, também, que com os poucos recursos econômicos que têm contado os programas de substituição de lavouras, em comparação com as grandes somas empregadas na fumigação por causa da luta antinarcótico, o governo acaba impedindo a obtenção de resultados eficientes no controle e na erradicação dos cultivos ilícitos (RAMÍREZ, 1998, p. 22).

O ambientalista Gustavo Wilches (1998, p. 31) argumenta que em termos gerais se pode afirmar, sem temor de se equivocar, que os custos ambientais pagam todos os

colombianos (na nossa hipótese, podemos dizer que todos os países amazônicos) em perdas de qualidade ambiental, patrimônio ecológico e cultural, oportunidades econômicas etc, porém existem atores sociais que são muito mais afetados diretamente que outros e diz:

Dentro de cada comunidade afetada, as mulheres e as crianças acabam especialmente prejudicadas pela deterioração ambiental. Para citar um só exemplo, frente ao esgotamento da água e da madeira para lenha em uma determinada região, as mulheres e as crianças devem caminhar cada vez mais quilômetros para (...) abastecer suas famílias com estes recursos sem os quais resulta impossível a vida (WILCHES, 1998, p. 32).

Diante dessas pesquisas, é interessante observar algumas denúncias da imprensa sobre a situação atual, mostrando como as questões ambientais são transnacionais e, em particular, podem afetar a Amazônia brasileira também.

Em 24 de junho de 2000, foi publicado no jornal **O Estado de São Paulo** uma matéria denominada “Cocaleiros envenenam meio ambiente”, demonstrando a importância do tema. Ali se observava que os plantadores colombianos também se envenenavam. Informava ainda que os plantadores usam 183 tipos de pesticidas (COCALEIROS, 2000).

Os plantadores (cocaleiros) são as maiores vítimas (...) Não usam nenhuma proteção – luvas ou máscaras – na manipulação dos venenos. Nem têm a menor

idéia da quantidade a ser usada. Também não respeitam prazos. Pulverizam de forma regular e indiscriminada plantações e matas para ampliar as áreas de plantio. Contaminam a própria produção de coca e outras lavouras, como a de banana (COCALEIROS, 2000).

Segundo o Itamaraty, o governo Fernando Henrique Cardoso estava atento e preocupava-se com uma possível utilização de fungos contra os cultivos ilícitos que poderiam contaminar a rede fluvial brasileira, principalmente os rios Iça e Japurá (PERIGO, 2000).

“A grande preocupação para nós é a guerra biológica na Amazônia. O Brasil tem que se precaver se forem usar os fungos, como o *Fusarium oxysporum*, que podem atingir também outros cultivos, não ilícitos, que são de sobrevivência dos camponeses da região. Além do mais, quem garante que essas armas biológicas não possam atingir a Amazônia brasileira? As fumigações (com utilização de produtos químicos espalhados por aviões, que matam não só as plantações de coca e papoula, mas os cultivos normais, de subsistência, ambos desenvolvidas pelos camponeses) já foram feitas nos últimos oito anos e a área plantada de coca cresceu 30%”, advertiu Walter Maierovitch, ex-secretário nacional antidrogas e presidente do Instituto Brasileiro Geovanni Falconi, dedicado ao estudo de assuntos como criminalidade organizada (PERIGO, 2000).

Tanto o fungo que infecta a planta através de sua raiz, provocando a sua morte, quanto outras armas biológicas não apresentam confiabilidade em relação a atacar somente os cultivos ilícitos e ainda mais em não prejudicar o meio ambiente nem a saúde das pessoas (PERIGO, 2000).

Testes realizados em meados da década de 90 mostram que o fungo *Fusarium oxysporum* pode infectar outras espécies. Não se sabe tampouco se o fungo pode ter vida longa, pode sofrer mutações, infectando outras plantas “inocentes”. O governo peruano já se negou a testar ou desenvolver o polêmico fungo em seu território (PERIGO, 2000).

No dia 02 de agosto de 2000, o senador independente colombiano Rafael Orduz, segundo o jornal El Tiempo, criticou a “falta de transparência” nas discussões sobre a guerra biológica que se pretende levar a cabo no país.

“O uso de fungos, estrangeiros ou nativos da Colômbia, pode ter efeitos nefastos sobre a saúde humana e o meio ambiente num dos países mais ricos em biodiversidade do mundo”, afirmou. O senador protestou ainda contra o “lobby feito pelo governo dos Estados Unidos e pelo Programa das Nações Unidas para Fiscalização Internacional de Drogas” para utilização do fungo. No mesmo dia, mais de 50 colombianos da comunidade científica enviaram uma carta ao presidente Andrés Pastrana expressando sua preocupação com a guerra biológica através de fungos como o *Fusarium oxysporum* (PERIGO, 2000).

Continuando a polêmica, em 31/01/2002 foi publicado no jornal **Folha de São Paulo** (FSP) uma matéria intitulada “Coca destrói Amazônia, dizem EUA”, na qual observa que o plantio de drogas causou destruição de 2,3 milhões de hectares da floresta amazônica nos últimos 20 anos, segundo estudo do Departamento de Estado norte-americano. O desmatamento foi provocado principalmente pela utilização de defensivos agrícolas aplicados em áreas preparadas para o cultivo de folhas de coca. O secretário-adjunto de Estado para Assuntos Internacionais de Execução da Lei e de Narcóticos, Rand Beer, afirmou que os produtos químicos, levados pela chuva, penetram nas bacias hidrográficas, afetando plantas e animais – direta ou indiretamente (COCA, 2002).

A já citada pesquisadora Socorro Ramírez argumenta que as questões amazônicas e ambientais são percebidas de maneira diferente pela Colômbia e pelo Brasil. Com bastante clareza a autora diz:

Na Colômbia meios vinculados as negociações ambientais possuem a percepção de que, em sua atividade, **os representantes do Brasil assumem a questão amazônica como se fosse um assunto exclusivamente seu** e não buscam atuar conjuntamente com os países que compartilham a responsabilidade por essa zona, em particular com os andinos. Ao mesmo tempo, consideram que os **brasileiros mostram incoerência entre seus discursos nas tribunas internacionais de proteção da Amazônia e as concessões madeireiras e empresariais, que carregam destruição, sendo defendidas pelo Brasil como um esforço para evitar**

a sua desnacionalização e a ingerência externa. Por outro lado, para setores brasileiros, a Colômbia tem visto a Amazônia apenas como um assunto de zonas distantes de colonização e mais recentemente de problemas de segurança, enquanto **para o Brasil é parte central de sua identidade e de seus interesses nacionais** (RAMÍREZ, 2007, p. 163-164, minhas ênfases).

Sobre a possibilidade de a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) ajudar na resolução desses conflitos, a última autora é bastante cética, dizendo que seu dinamismo tem sido muito precário e segue em aberto a possibilidade de torná-la uma verdadeira organização amazônica multilateral (RAMÍREZ, 2007, p. 164).

Sobre o papel do Brasil na região, a autora vai ao mesmo sentido de nossas análises anteriores dizendo que:

Os últimos três anos do governo Cardoso mostraram um renascimento do interesse pela América do Sul, com o relançamento do Mercosul em abril de 2000, as duas primeiras cúpulas Sul-americanas em 2000 e 2002 e a reiteração nelas de que o Brasil não pretendia exercer a liderança no subcontinente. Porém estes gestos e intenções foram impotentes desde o ponto de vista da capacidade econômica e militar do governo federal para sustentar compromissos concretos com os países vizinhos, o que mostrou uma liderança mais ideal do que real. Lula reiterou essas iniciativas e agregou mecanismos mais concretos, em particular no terreno comercial (RAMÍREZ, 2007, p. 165).

Estes projetos estratégicos na Amazônia colombiana, uma zona sensível do ponto de vista político, militar, ecológico e multicultural, além de estarem associados a projetos de infraestrutura e comércio, buscam também a neutralização do delito transnacional, articulado com a confrontação armada (RAMÍREZ, 2007, p. 166). Por fim, sobre as relações entre Colômbia e Brasil, a mesma autora diz:

Ainda que no nível oficial a Colômbia priorize sua relação com os Estados Unidos e o Brasil com a América do Sul, a proposta de construir a Comunidade Sul-americana de Nações gerou interesse para a Colômbia, em especial em cinco campos: infraestrutura, comércio, convergência e não simplesmente absorção da CAN pelo Mercosul, segurança e entendimento com os vizinhos. Existe também um maior apreço pelo papel que o Brasil possa jogar nos diálogos ou negociações com as guerrilhas ou por sua contribuição na distensão colombo-venezuelana. É de se esperar que não se trate somente de um interesse momentâneo da Colômbia ampliar suas exportações ou que a **Comunidade Sul-americana não seja somente para o Brasil uma oportunidade de aproveitar o pontecial energético andino, frente a um novo ciclo de crescimento da economia brasileira, que demandaria importações e sócios** (RAMÍREZ, 2007, p. 171, minha ênfase).

Considerações Finais

As relações econômicas do Brasil com a Colômbia se intensificaram muito entre 1995 e 2010, porém com um padrão de comércio desequilibrado a favor do Brasil. Nos âmbitos da cooperação ao combate às drogas e aos impactos ambientais, parece haver uma maior convergência de propósitos, apesar da preocupação constante do peso excessivo do Brasil na região por parte dos colombianos e da divergência na forma de atuação no combate aos ilícitos na Colômbia, que do ponto de vista brasileiro, é ineficiente e muito atrelado aos interesses dos EUA na região amazônica, a qual possui recursos cada vez mais valorizados na geopolítica mundial.

Referências

BORGES, Fábio. **Amazônia e economia da droga: conflitos colombianos e interesses brasileiros (1985-2005)**, Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - “San Tiago Dantas” - UNESP-UNICAMP-PUC-SP, 2006.

BURGESS, Sean W. *Bounded by the Reality of Trade: practical Limits to a South American Region*. **Cambridge Review of International Affairs**, V.18, n. 3, out. 2005.

BURGESS, Sean W. **Brazilian Foreign Policy after the Cold War**. United States of America: University Press of Florida, 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique (FHC). **A arte da política: a história que vivi**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAYCEDO, Jaime. Impacto regional do conflito colombiano na América Latina. In: CAYCEDO, Jaime. **Hegemonias e Emancipações no século XXI**, Buenos Aires: CLACSO, julho de 2005.

COCA destrói Amazônia, dizem EUA. **FSP**, 31 jan. 2002.

COCALEIROS envenenam meio ambiente. **OESP**, 24 jun. 2000.

FARC acusam guerrilheiros de traição. **O Estado de São Paulo** (OESP), 12 jul. 2008.

LULA encontra Betancourt e apela às FARC por fim de luta armada. **Reuters**, 05/12/2008.

PERIGO mora ao lado. Revista **Isto é**, n.1610, 09 ago. 2000.

RAMÍREZ, Constanza. Conflicto agrario y medio ambiente. **Revista Foro**, Colômbia, n. 35, 1998.

RAMÍREZ, Socorro. Colombia y Brasil: una lenta y paradójica aproximación. In: HOFMEISTER, Wilhelm; ROJAS, Francisco and SOLÍS, Luis Guillermo. (Comp.). **La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos**. Tomo 1: América Latina. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2007, p. 135-174.

REFÉM libertado acusa Farc de executarem 11 colegas de cativoiro. **O Estado de São Paulo** (OESP), 6 de fev. de 2009.

WILCHES, Gustavo. El medio ambiente y la guerra en Colombia. **Revista Foro**, Colômbia: n. 35, 1998.

LIVROS EDUEPB E LATUS

1. **Pluralismo Jurídico:** Para além da visão monista – Raíssa de Lima e Melo
2. **Mulher, corpo e cuidado** – Maria de F. de A. Silveira; e Dulce M. Rosa Gualda
3. **Avaliação de serviços: um olhar na qualidade da gestão** – (Orgs) Maria José Cariri Benígna; e Maria A. Amado Rivera
4. **Farmacêutico na Farmácia** – Rosimary S. Cunha Lima; Maria do Carmo Eutálio; e Magnólia de L. S. Targino
5. **Representações sociais e saúde** – Aliana Fenandes; Maria. do R de Carvalho; e Moisés Domingos Sobrinho
6. **EPI Info para iniciantes** – (Orgs) Sonia Maria de L. Maciel; e Pedro Henrique de A. e S. Leite
7. **Ensino de língua: do impresso ao virtual** – (Orgs) Antonio de Pádua Dias da Silva; Maria de L. L. Almeida; Simone Dália de Gusmão Aranha; e Tereza. N. de Farias Campina
8. **A história da mídia regional** – C. B de Souza; F. G. de Oliveira; e Gorete M. Sampaio de Freitas
9. **Livro de resumo de monografias** – Maria Dora Ruiz Temoche
10. **Planejamento tributário no campo de incidência do ICMS** – Alexandre H. S. Ferreira; e Ana Maria da P. Duarte
11. **1930 – A Revolução que mudou a História do Brasil** – (Orgs) João M. L. Santos; Cláudio José L. Rodrigues; Inês Caminha L. Rodrigues; e José Octávio de A. Melo
12. **Curso de Direito Constitucional** – Lorivaldo da Conceição
13. **Fragmentos** – Juarez Filgueras de Góis
14. **Gênero em questão** – (Org) Antonio de Pádua Dias da Silva
15. **Jogos eletrônicos** – Eliane de M. Silva; Filomena M. G. da S. C Moita; e Robson Pequeno de Souza
16. **Nascido do Fogo, Filho da Paz** – Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
17. **Política Tributária e Justiça Social** – Alexandre Henrique Salema Ferreira
18. **Revista Sócio-Poética** – Departamento de Letras da UEPB
19. **O Sábio e a Floresta** – Moacir Werneck de Castro
20. **Universidade e o fazer poético em prosa e poesia** – (Orgs) Fabíola Nóbrega; Marcelle V. Carvalho; e Tatiana Fernandes Sant'ana
21. **Sustentabilidade – um enfoque sistêmico** – (Orgs) Waleska S. Lira; Helio de L. Lira; Maria José dos Santos; e Lincon Eloy de Araújo
22. **Bioquímica clínica** – uma abordagem geral – Sandra Reis Farias

- 23. Mortalidade Geral – Epidemiologia** – Anthonyanny A. Silva Lima; Maria J. Cariri Benigna
- 24. Estudos Filológicos: Literatura – Cultura** – Marinalva Freire da Silva
- 25. Dicionário de termos relativos a gestão de pessoas** – Maria Dora Ruiz Temoche
- 26. Práticas de Políticas Públicas** – (Orgs) Marcelo A. Pereira; Maria da G. A. Pereira; Sandra. M. A de S. Celestino; Sueli Ramos de R. M. Cavalcanti; e Wíliam A. de Lacerda
- 27. Saúde Humana** – (Org) Inácia Sátiro Xavier de França
- 28. O Segredo de Pergamo** – Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
- 29. A queda do meteorito** – Giusone Ferreira Rodrigues
- 30. Trajetória empreendedora: estudo de casos numa realidade local e global** – (Org) Vera Lúcia Barreto Motta
- 31. Identidades de gênero e práticas discursivas** – (Org) Antonio de Pádua Dias da Silva
- 32. O lugar da Educação Física** – Maria José de Figueirêdo Gomes
- 33. O papel político dos fóruns de educação de jovens e adultos** – Eduardo Jorge Lopes da Silva
- 34. Pesquisa histórica – resumo de monografias** – (Orgs) Luíra Freire Monteiro; e Flávio Carreiro de Santana
- 35. Anos de luta – Waldir Porfírio**
- 36. Mulher e violência: histórias do corpo negado** – Lúgia Pereira dos Santos
- 37. Agricultura orgânica** – José Geraldo R. dos Santos; e Emmanuely Calina X. R. Santos
- 38. Sobre o diálogo: introdução a uma leitura filosófica de** – Julio Cesar Kesting
- 39. Novos cenários da Administração** – (Org) maria Dora Ruiz Temoche
- 40. O despertar da cultura** – (Org) Marinalva Freire da Silva
- 41. Manual básico de Radiologia Odontológica** – Maria de Fátima Cavalcanti Rodrigues
- 42. Formas de sociabilidade e instauração da alteridade** – Inácia S. Xavier de França; Lorita M. Freitag Paghuca
- 43. Paremiologia nordestina** – Fontes Ibiapina
- 44. Resistência indígena no Piauí colonial 1718 – 1774** – João Renor F. de Carvalho
- 45. Planejando o (des)envolvimento local** – Roberto Alves de Araújo; e Ana Siqueira de Araújo
- 46. Deuses em poéticas: estudos de Literatura e Teologia** – (Orgs) Salma Farraz; Antonio Magalhães; Eli Brandão; Waldecy Tenório; Douglas Conceição
- 47. Campina Grande em debate** – (Org) Roberto Vêras de Oliveira
- 48. História do Direito e da violência: recortes de uma abordagem interdisciplinar** – Marcelo Alves Pereira Eufrásio

- 49. Contos jurídicos: normas de sobredireito da Lei de Introdução ao Código Civil** - Ket Jeffson Vasconcelos Leitão
- 50. A Bacia do Rio Gramame: Biodiversidade, uso e conservação** - (Orgs) José Etam de Lucena Barbosa; e Takako Watanabe; e R. José da Paz
- 51. Ser criança - repensando o lugar da criança na educação infantil** - (Orgs) Glória M. de Souza Melo; Soraya. M. de A. Brandão; e Marinalva. da Silva Mota
- 52. Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia** - (Org) Renato Dagnino
- 53. De portas abertas para o lazer** - (Orgs) Elaine Melo de B. Costa Lemos; Eduardo Ribeiro Dantas; e Cheng Hzin Nery Chão
- 54. Gênero e práticas culturais** - (Orgs) Charliton J. dos Santos Machado; Idalina M. F. Lima Santiago; e Maria L. da Silva Nunes
- 55. Da resistência ao poder - o (P)MDB na Paraíba (1965 / 1999)** - José Otávio de Arruda Mello
- 56. Políticas públicas e desenvolvimento regional** - (Orgs) Carlos. A. Máximo Pimenta; Cecília Pescatore Alves
- 57. Histórias vividas e contadas no Bar do Brito** - (Orgs) A. C. Barbosa de Souza; Antonio Guedes Rangel Junior; Clara M. Araújo Pinto; e Sonia Maria A. de Oliveira Brito
- 58. De memória e de identidade** - (Orgs) Antonia M. M. da Silva; Francisco Paulo da Silva; Ivanaldo Oliveira dos Santos; e Maria Edileuza da Costa
- 59. A luz que não se apaga** - Rômulo de Araújo Lima
- 60. Cálculo avançado** - (Orgs) Aldo Trajano Louredo; e Alexandro M. de Oliveira; e Osmundo Alves Lima
- 61. Fisioterapia na gravidez** - (Org) Maria do Socorro B. e Silva
- 62. Educação Universitária** - Pedro Bergamo
- 63. Amora** - Fidélia Cassandra
- 64. Educação em questão** - recortando temas e tecendo ideias - (Pedro Lúcio Barboza)
- 65. Ciço de Luzia** - Efigênio Moura
- 66. Zila Mamede** - trajetórias literárias e educativas - Charliton José dos Santos Machado
- 67. A voz da infância e outras vozes** - Calos Azevedo
- 68. A Educação da Mulher em Lima Barreto** - (Jomar Ricardo da Silva)
- 69. Porta aberta à poesia popular** - Almira Araújo Cruz Soares
- 70. Mulheres representadas na literatura de autoria feminina** - Antonio de Pádua Dias da Silva
- 71. Residências terapêuticas** - (Orgs) Maria de Fátima de A. Silveira e Hudson Pires de O. Santos Júnior
- 72. A nuvem de hoje** - Bráulio Taveres
- 73. Tecnologias digitais na educação** - (Orgs) Robson Pequeno de Sousa; Filomena M. C. da S. C. Moita; e Ana Beatriz Gomes Carvalho.
- 74. A representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros** - José Itamar Sales da Silva

- 75. Viagem aos 80 anos da Revolta de Princesa** - Janduí Dantas
- 76. Cidadania glocal, identidade nordestina** - José Marques de Melo
- 77. Uma nova ciência para um novo senso comum** - Marcelo Germano Gomes
- 78. A feira** - o trovador encantado - Maria de Lourdes Nunes Ramalho
- 79. Nordeste como inventiva simbólica** - Geralda Medeiros Nóbrega
- 80. Era uma vez diferente** - Aline Pereira
- 81. Coleccionismo, práticas de campo e representações** - Maria Margaret Lopes e Alda Heizer.
- 82. Ensaios de Antropologia da Política** - Elizabeth Christina de Andrade Lima
- 83. A Bela Acordada** - Lígia Pereira dos Santos
- 84. Eu macharei na tua luta - a vida de ELISABETH TEIXEIRA** - (Orgs) Lourdes M. Bandeira; Neide Miele; Rosa M. G. Silveira
- 85. Apropriação Social da Ciência e da Tecnologia** - (Orgs) Maria C. P. I. Hayashi; Cidoval M. de Sousa; e Danilo Rotrberg
- 86. Midiatização da Ciência - cenários, desafios, possibilidades** - (Org) Antonio Fausto Neto
- 87. Psicologia da Saúde - teoria, intervenção e pesquisa** - (Org) Railda Fernandes Alves
- 88. As periéncias de um caçador de ETs** - Jorge Dellane da Silva Brito
- 89. Becquerel e a descoberta da radioatividade** - Roberto de Andrade Martins
- 90. Mpb de A a Z (2 edição)** - Ricardo Anísio
- 91. ECO** - Juarez Filgueras de Góis
- 92. As três verdades de Deus** - Janduí Dantas
- 93. Sabedoria de cabôco** - José Alves Sobrinho
- 94. Agenda Ambiental - gestão socioambiental** - (Org) Antônio Augusto Pereira de Sousa; Djane de Fátima Oliveira; Givanildo Gonçalves de Farias; e Mercília Tavares Jordão
- 95. Etnografia e Educação - conceitos e usos** - Carmen Lúcia Guimarães de Mattos; e Paula Almeida de Castro
- 96. Orgulho de ser caririzeiro** - Victor Paulo Sampaio
- 97. Genealogia do Direito à Saúde** - Marcone do Ó Catão
- 98. Antonio Carlos Nóbrega em acordes e textos armoriais** - Luís Adriano Mendes Costa
- 99. Identidades & sensibilidade - o cinema como espaço de leituras** - (Org) Iranilson Buriti
- 100. Dom José Maria Pires - Uma voz fiel à mudança social** - (Org) Sampaio Geraldo Lopes Ribeiro
- 101. Paisagens Híbridas - Fontes e escrituras da História** - (Org) Juciene Ricarte Apolinário
- 102. Cenários históricos e educativos - Sertão, questão indígena e espaço de saber** - (Org) Juciene Ricarte Apolinário

Sobre o livro

Impressão	Gráfica Universitária da UEPB
Formato	15 x 21 cm
Mancha Gráfica	10,8 x 17 cm
Tipologias utilizadas	Garamond Premier Pro 12,5pt Franklin Gothic Demi 12,5pt
Papel	Apergaminhado 75g/m2 (miolo) e Cartão Supremo 250g/m2 (capa)